

Esqueleto do Mosteiro será analisado em São Paulo

Pesquisadores afirmam se tratar de um homem na faixa entre 20 e 30 anos e cerca de 1,80 m de altura

Hospitais temem maior atraso no pagamento do SUS

Os hospitais Aristides Maltez e Martagão Gesteira serão os mais prejudicados, caso o governo federal confirme hoje, durante reunião em Brasília, que só pagará em 95 os serviços prestados aos pacientes do SUS em outubro, novembro e dezembro deste ano. Entre os centros instalados na Bahia que dependem fundamentalmente do dinheiro do SUS para sobreviver estão ainda o hospital psiquiátrico Santa Mônica e o Sagrada Família. A Associação de Hospitais afirma que a maioria das unidades de saúde do Estado está descapitalizada e que será caótico o atendimento tanto na Bahia quanto no Brasil caso seja mantida a posição do governo.

Segundo José Augusto, assessor econômico da Associação dos Hospitais, as unidades conveniadas ao SUS têm sofrido com as medidas tomadas pelo governo ao longo dos anos de 93 e 94. "Até hoje não foi pago serviço prestado até 1º de setembro. Se além destas dificuldades o governo tentar impor um atraso de 90 dias será um caos total. Não acredito que isso seja viabilizado", disse José Augusto. O assessor econômico afirma que os hospitais não terão condições não só de pagar o 13º salário de seus funcionários mas também fornecedores, impostos e podem vir a cortar, inclusive, remédios e alimentos.

"Receber pouco e receber com atraso não é brincadeira", desabafou Pedro Sérgio Teixeira, presidente da Alac (Associação dos Laboratórios) e diretor da Associação dos Hospitais. Segundo Teixeira, há 3 anos cresce o número de laboratórios que pedem o descredenciamento do SUS. Os maiores laboratórios do Estado já não atendem mais ao programa. Além disso, "a tabela é muito abaixo da tabela da AMB (Associação Médica Brasileira)", explica Teixeira.



Os pesquisadores da Universidade Federal ainda não podem afirmar se o esqueleto é de um soldado holandês

Jornal: Bahia Hoje

Data: 09/11/94

Caderno: 1

Página: 4

O esqueleto encontrado dia 31 no jardim do claustro do Mosteiro de São Bento por arqueólogos da UFBA deve ser submetido ao teste do carbono 14 na Universidade de Campinas, assim que forem concluídos os estudos iniciais na ossada composta de 306 ossos. O antropólogo e físico João Cezar Cabral, professor de Anatomia aposentado pela UFBA e a arqueóloga Leila Almeida, também da UFBA, já sabem que se trata do esqueleto de um homem de 20 a 30 anos de idade, com altura de 1,80 m. Foi "batizado" com o nome de Daniel por um monge do Mosteiro, uma referência ao profeta bíblico de mesmo nome, que pregava a ressurreição.

Até o momento os pesquisadores não podem afirmar se realmente se trata do esqueleto de um soldado holandês morto há mais de 300 anos, mas acreditam nessa possibilidade. "No claustro só eram enterrados os monges, não havia sepultamentos no jardim, portanto já sabemos que não é um monge", diz Leila Almeida. O corpo foi enterrado nu e não com o hábito de monge, outro indício de que se trata de um intruso. Porém, outros sinais mostram que o corpo foi enterrado segundo um ritual e não simplesmente jogado sobre a cova. Isto indica, segundo os arqueólogos, que holandês ou não, o enterro foi feito pelo grupo do qual fazia parte o morto.

CEMITÉRIO DE HOLANDESES

O arqueólogo João Cezar Cabral acena com a possibilidade de enforcamento do morto. Em parte, porque a cabeça da mandíbula foi encontrada atrás da órbita e não na frente do ouvido, onde deveria estar. Também a primeira vértebra, que deveria estar encaixada na base da cabeça, está fora de lugar. "Se houver uma fratura do hióide (pequeno osso na parte anterior do pescoço, acima da laringe), é sinal de enforcamento", afirma Cabral.

A existência de um cemitério de holandeses no jardim do Claustro, entretanto, é mencionada em documentos do Mosteiro de São Bento, conforme revelou ontem Dom Gregório Paixão, administrador do mosteiro. Ele ressalta que em 1.624 os monges deixaram o local, seguindo para o Recôncavo, enquanto o Mosteiro foi transformado em quartel geral das tropas portuguesas. Os mesmos registros históricos relatam um ataque dos holandeses ao Mosteiro em abril de 1.625, quando "grande parte" dos soldados portugueses foram mortos. Esta é a primeira vez no Brasil que um mosteiro abre espaço para uma pesquisa arqueológica no claustro, local historicamente restrito aos monges. Os arqueólogos vão ampliar a pesquisa no terreno e esperam, ainda, continuar os estudos mesmo depois de concluídas as obras de restauração do Mosteiro, cuja inauguração está prevista para dezembro.